



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

HISTÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS: A PRESENÇA DA ORALIDADE NAS TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIA.

Míghian Danae Ferreira Nunes

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/ **FEUSP**

mighiandanae@yahoo.com.br

Este trabalho insere-se numa discussão mais ampla sobre o acesso das mulheres negras à educação formal e no modo como resistiram ao racismo institucional, continuando presentes no espaço escolar e tornando-se professoras. Estudar as mulheres negras e seus percursos escolares é tarefa imprescindível se desejamos ampliar nossos conhecimentos acerca dos grupos sociais presentes em nossas escolas públicas; aqui, trago algumas conclusões sobre pesquisa em andamento no Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) sobre as professoras negras de Educação Infantil da cidade de São Paulo, pesquisa esta vinculada às contribuições da história oral (MEIHY, 1996), entendendo-a como uma sistematização dos referenciais africanos de oralidade (BÂ, 1982), estes identificados no grupo afro-brasileiro pesquisado.

Os questionamentos que me levaram ao estudo mais aprofundado sobre esta temática iniciaram-se quando ingressei na rede municipal de São Paulo como professora de Educação Infantil, há seis anos; chegando à universidade para realizar estudos de pós-graduação, acreditei ser possível transformar minhas inquietações pessoais – fruto das relações que mantenho com meus grupos de pertencimento racial, de gênero e origem – em pesquisa. Percebi que o número de professoras negras ali era maior do que em escolas de ensino fundamental e médio, evento já comprovado em pesquisa realizada em 1985, tendo como autoras Lúcia Elena Oliveira, Rosa Maria Porcaro e Tereza Cristina Nascimento Araújo Costa, intitulada *O lugar do negro na força de trabalho*¹. Nesta publicação, pode-se perceber que as mulheres negras que estão no magistério atuam em maior número na Educação Infantil, comparado aos outros níveis de ensino. Constatações muito semelhantes também foram alcançadas pela pesquisadora Waldete Tristão de Oliveira em sua dissertação

¹ OLIVEIRA, L. E.; PORCARO, R.M.; ARAÚJO COSTA, T. C.N. **O lugar do negro na força de trabalho**. IBGE. Rio de Janeiro, 1985.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Trajatória de mulheres negras na educação de crianças pequenas no distrito de Jaraguá em São Paulo: processos diferenciados de formação e de introdução no mercado de trabalho:

(...) cada dia mais, surpreendia-me ao encontrar significativo número de mulheres negras atuando nesse tipo de instituição, diferentemente do que eu estava acostumada a ver e conviver desde o meu ingresso em Escolas de Educação Infantil (OLIVEIRA, 2006, p. 26).

Também a pesquisadora Arlete dos Santos Oliveira comenta suas impressões com relação ao “número significativo de mulheres negras que trabalhavam nas creches” (OLIVEIRA, 2009, p. 22), em sua dissertação *Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras*. Mulher, para além das constatações biológicas atribuídas ao termo, é um ser categoricamente relacional ao homem, que tem sua identidade sexual fincada na cultura a qual pertence e que se constrói a partir de suas diferenças para com os demais grupos. A partir dos estudos de Joan Scott (1988), o termo gênero – uma categoria relacional que indica “construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995) – ganhou cada vez mais força quando o assunto é a diferença entre os sexos, diferenças estas que não são, como já indicamos, apenas biológicas. Se, em primeira instância, os diversos movimentos feministas buscaram produzir trabalhos e pesquisas que evidenciassem as mulheres e suas histórias (SCOTT, 1995), a consolidação do termo gênero busca ir além do direcionamento unívoco e entende as relações entre homens e mulheres como um importante ponto de partida para contarmos a história de nossa sociedade e produzirmos conhecimento. Reconheço a importância desta construção teórica, mas, por também reconhecer que as teorias feministas e esta linha inicial de pesquisa feminista não conseguiram dar conta de falar sobre **todas** as mulheres – e aqui em específico falo da história das mulheres negras – reivindico a importância de localizarmos nossos estudos também a partir da ótica da história deste grupo, utilizando-me das especificidades analíticas do termo gênero, quando necessário for, para explicar alguns apontamentos/ percepções.

Para falar de raça, há um sem-número de estudiosos/as (GUIMARÃES, 2003, 2008; MUNANGA, 2001; GOMES, 1995; CASHMORE, 2000) que advogam sua utilização como também sendo uma categoria relacional, construída socialmente, indo além das definições biologizantes que tomaram conta dos estudos nas áreas das ciências humanas no início do século vinte no Brasil, estes impregnados pelas teorias racistas europeias no campo da Medicina e do Direito. Segundo GUIMARÃES:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O que é raça? Depende. Realmente depende de se estamos falando em termos científicos ou de se estamos falando de uma categoria do mundo real. Essa palavra “raça” tem pelo menos dois sentidos analíticos: um reivindicado pela biologia genética e outro pela sociologia [...]. Depois da tragédia da Segunda Guerra, assistimos a um esforço de todos os cientistas — biólogos, sociólogos, antropólogos — para sepultar a idéia de raça, desautorizando o seu uso como categoria científica. O desejo de todos era apagar tal idéia da face da terra, como primeiro passo para acabar com o racismo (GUIMARÃES, 2003, p. 95).

Mas, segundo o próprio Guimarães, tal feito não se concretizou porque o termo raça continuou sendo usado tanto pela sociologia como pela biologia para identificar diferentes questões dentro de seus estudos específicos. O Movimento Negro Unificado então

[...] vai reintroduzir a idéia de raça, vai reivindicar a origem africana para identificar os negros. Começa-se a falar de antepassados, de ancestrais, e os negros que não cultivam essa origem africana seriam alienados, pessoas que desconheceriam suas origens, que não saberiam seu valor, que viveriam o mito da democracia racial. Para o MNU, um negro, para ser cidadão, precisa, antes de tudo, reinventar sua raça. A idéia de raça passa a ser parte do discurso corrente [...] se introduz de novo a idéia de raça no discurso sobre a nacionalidade brasileira (GUIMARÃES, 2003, p. 103).

Cabe dizer aqui que a opção por utilizar o termo raça é, em primeiro lugar, política, já que pretende suscitar o debate sobre as configurações dos estudos sobre relações raciais no Brasil. Esta disputa, de algum modo, levanta debates importantes sobre a própria epistemologia do conhecimento, e mais: ousa reconstruir uma arqueologia² dos saberes produzidos até aqui sobre o assunto, reafirmando as intencionalidades das pesquisas até agora feitas, pulverizando as prováveis certezas que tínhamos sobre este assunto. Sendo raça uma categoria relacional, reafirmamos, com essa escolha, que é a partir das relações que temos – com as pessoas, coisas, eventos, lembranças, com a vida, enfim – que dizemos algo sobre o conhecimento que produzimos. Não é um terreno seguro, nem tranquilo. Mas necessário de ser reconhecido, confirmado, respeitado.

Interrelacionamos os termos *mulher* e *raça* para definirmos este grupo social denominado *mulheres negras*. Mas, assim como nos lembra SADBURY (2003), é preciso compreender que este grupo nunca foi homogêneo, sendo utilizado aqui como categoria, mas impossível de ser apreendido numa concepção única, porque as teorias de opinião feminista

² Segundo o livro *Vocabulário de Michel Foucault*, arqueologia seria “uma história das condições históricas de possibilidade do saber [...] a arqueologia não é uma disciplina interpretativa, não trata os documentos como signos de outra coisa, mas os descreve como práticas”. (CASTRO, 2009, 41).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“valorizam a autêntica forma de expressão marginalizada, mas, quando esta é trazida para o centro, outras novas são criadas” (SUDBURY, 2003, p. 61) Pensando a reviravolta epistemológica que propõe os estudos feministas em meados no século vinte, (LOURO, 1997; hooks, 2003) para a análise da própria configuração dos estudos feministas vigentes, afirmo não ser possível falar da história da mulher usando como referência única a mulher ocidental, branca, de classe média e heterossexual. Seria talvez mais certo tentar falar das *histórias* e das *mulheres*, ainda assim sabendo que nossas constatações não darão conta de toda a complexidade que tais termos trazem para o debate contemporâneo acerca das identidades em jogo, das categorias representativas, das questões de poder e política que estão relacionadas com cada compreensão que se tem de cada um desses termos. A expressão cunhada pelos movimentos feministas do século passado que afirmava ser “o pessoal, político” é um emblema que diz um pouco desse lugar constituído para falarmos das múltiplas histórias de mulheres negras no Brasil. Esta frase não diz tudo, mas é um ponto de partida para chegarmos a outras conclusões sobre o que significa ser mulher negra no Brasil.

Desde que foram criadas na cidade de São Paulo³ as escolas de Educação Infantil tiveram como exigência para admissão de suas profissionais, o diploma de formação no curso de Magistério, sendo assim um importante diferencial dos espaços denominados de creches, já que estes não solicitam os estudos em Nível Médio para atuação de suas profissionais. Atualmente, com um maior número de mulheres acessando o ensino superior (consultar QUEIROZ, 2001), pode parecer pouco a solicitação dos estudos em segundo grau, mas se pensarmos na realidade brasileira das décadas de oitenta e noventa, e mesmo nos primeiros anos do século vinte e um, conquistar o diploma de ensino médio, sobretudo para o grupo de mulheres que estamos estudando é/foi um passo deveras significativo para a mudança das condições de trabalho e perspectivas de vida. Esta pesquisa centra-se nas trajetórias profissionais destas mulheres, levando em conta suas identidades de gênero e raciais. A metodologia de história oral se apresentou como um instrumento necessário para fazermos valer as palavras ditas pelas professoras em questão, este sendo nada mais que a sistematização de um saber tradicional de comunidades africanas – a oralidade. No primeiro

³ Para mais informações, consultar FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil.** In: Educação e Sociedade, ano XX, n.69, dezembro 1999, 60-89.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

livro sobre a História Geral da África, publicado em 1982⁴, há um texto que nos informa sobre a importância primeira da palavra para as sociedades africanas. Em *A Tradição Viva*, Hampatê Bâ cita seu mestre espiritual Tierno Bokar Salif, reafirmando:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não é o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitem, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente (SALIF APUD BÂ, 1982, p. 167).

Ainda segundo BÂ,

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostuada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial (BÂ, 1982, p. 167).

Levando em consideração a pertença racial do grupo que desejamos investigar e a ancestralidade presente em seus modos de ser, é inegável que, se desejamos nos aproximar e coletivamente construir modos de interpretação destes modos, é preciso reconhecer em nossas pesquisas a importância desta oralidade para a elaboração da vida, do fazer cotidiano, do ensinar e aprender, do compartilhar, do existir. Assim como BÂ (1982) acreditamos que “nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie” (Ibid., p. 212).

Relacionando estas considerações aos trabalhos realizados pelo Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE)⁵, vinculado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) podemos encontrar pontos de intersecção entre o modo como professoras negras contam suas histórias e a discussão sobre a importância da contra-memória para registrarmos histórias de vida e formação docente. A contra-memória

⁴ KI-ZERBO, Joseph (Org.) **História geral da África, volume 1 – metodologia e pré-história na África**. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982.

⁵ Grupo de pesquisa criado pelas professoras Denice Catani, Belmira Bueno, Cynthia Pereira de Souza e Maria Cecília Cortez Christiano de Souza no início da década de noventa na FEUSP que propunha “a realização de estudos alternativos sobre a formação continuada de professores”. (CATANI *et al.*, 1993, p. 300 e 301).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

desenvolve “um tipo de análise que não apenas ultrapassa os limites dos estudos centrados que se formaram sobre o profissional no decorrer da história”; esta, apoiada em “fontes não escritas ou não impressas”, ganha expressivo destaque “quando o que se pretende é inverter, subverter ou demonstrar o caráter dominador da memória estabelecida” (CATANI *et al.*, 1993: passim). Assim,

As críticas que se fazem ao caráter subjetivo das fontes apoiadas na palavra, no depoimento, e na história de vida, podem ser invertidas, pois exatamente essas fontes exprimem de modo claro o que perigosamente se oculta na pretensa objetividade das fontes estatísticas ou oficiais. Nenhuma fonte histórica é imune à crítica interna, à exposição de seus limites e distorções, e nenhuma fonte histórica, seja ela oral e escrita, pode sustentar-se sem a crítica cruzada, o cotejo com outros dados e outras fontes (Ibid., 1993, p. 306).

Pensando as memórias de professoras negras como um dos muitos lugares esquecidos da história oficial, precisamos compreender tanto os motivos que tornaram esse *esquecimento* uma **presença** na produção de nossa historiografia brasileira como também, construir saberes sobre estas histórias, a partir da ótica destas profissionais, que, sendo mulheres presentes em cor e corpo, possuem forma(s) específica(s) “de ser e estar no mundo, constituída pelas maneiras de enfrentar os desafios, de aprender os caminhos possíveis e descobrir os atalhos ocultos” (Ibid, 1993, p. 313). Patrícia Santana (2004) advoga a importância dos estudos sobre os professores negros, incluindo aí as professoras negras em seu livro *Professor@s Negr@s: Trajetórias e Travessias* para compreendermos de que modo as diferenças produzem modos de ser professora em nossas escolas. Apesar de ainda incipiente, ela cita um pequeno número de teses e dissertações produzidas sobre o tema nas últimas décadas e o destaque que este “campo de estudos” (SANTANA, 2004, p. 41) ganhou a partir de ações como a inclusão de um grupo de trabalho na Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa e Educação – ANPED sobre a temática, com o nome de Grupo de Trabalho (GT) *Afro-Brasileiro e Educação*. Segundo SANTANA,

Os estudos sobre professores negros juntamente com outros sobre relações raciais e educação, destacam a importância do professor como agente fundamental no processo de desconstrução do racismo. Nestes estudos, a responsabilidade dos educadores frente à construção de um currículo que contemple a diversidade é considerada imprescindível para a mudança de postura em relação ao alunado negro. É destacada, também, a importância da efetivação de políticas de formação a fim de capacitar esses profissionais para essa tarefa (SANTANA, 2004: p. 41).



Lançamos mão das abordagens biográficas, porque nosso desejo é o de captar de que modo as professoras constroem sua(s) identidade(s) (DUBAR, 2005; HALL: 2003, 2006) sem perder de vista os aspectos subjetivos destas construções e de que modo as reflexões, no momento mesmo da narração de suas histórias de vida, podem elucidar para as próprias entrevistadas, questões específicas relacionadas às suas maneiras de existir. Na área educacional, o trabalho biográfico torna possível o conhecimento mais aprofundado sobre as pessoas presentes no cotidiano escolar, e assim também conhecemos a escola, seu funcionamento e modos (NÓVOA, 2000; SOUSA *et al*, 1996). Partindo de um olhar *de dentro* destas construções (auto)biográficas – sem esquecer de como este olhar também está enraizado de concepções sócio-histórico-culturais – a intenção é perceber a existencialidade em “sua textura completamente original [...] singular“ envolvida “no seio de uma humanidade compartilhada” (JOSSO, 2008, p. 20). Além destas constatações, a certeza de que a profissão docente é uma profissão feita a partir das interações humanas (TARDIFF & LESSARD, 2009), constituindo-se *com* as pessoas envolvidas é o que move o trabalho investigativo para uma interlocução com estas formas de pesquisa, que privilegiam as subjetividades e as experiências pessoais.

A técnica de história de vida elaborada por Nogueira (1968), as análises sobre a história oral feitas por Meihy (1996) são também aqui evocadas, constituindo um quadro amplo para a análise das entrevistas com as professoras em questão, já que o primordial é deixar falar as professoras, fazê-las falar, buscando soltar as possíveis amarras metodológicas que nos prendem a uma leitura única dos discursos aqui enunciados. É Luz (1998) quem nos relembra a importância de construirmos “distintas possibilidades metodológicas de pesquisa no que se refere à presença civilizatória africana nas Américas” (LUZ, 1988, 54), abandonando a perspectiva “edipiana, característica da *episteme* ocidental [...] que visam apenas transformar o **outro no mesmo**, ou melhor, o **outro fragmentado**, submetido à veleidade de um poder de visão universal” (LUZ, 2003, p. 63, grifos da autora).

Neste texto, escolhi analisar excertos de duas das oito entrevistas realizadas com as professoras que se dispuseram a participar desta fase da pesquisa; aqui, detenho-me mais especificamente no momento em que relatam a entrada delas na rede municipal de ensino. Nos questionários entregues antes das entrevistas, as professoras poderiam escolher entre classificar-se utilizando o modelo de classificação racial proposto pelo IBGE (Instituto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Brasileiro de Geografia e Estatística)⁶ ou o modelo de autoatribuição, onde elas identificavam-se da forma que achavam mais conveniente. As professoras escolhidas, aqui chamadas de Neuza Santos (negra) e Beatriz Nascimento (preta)⁷ tem idade média de 40-45 anos e atuam em escolas de Educação Infantil da rede municipal há aproximadamente 15-20 anos. O trabalho com as professoras constituiu em captar, por meio de um gravador digital, os relatos biográficos narrados pelas mesmas, partindo daquilo que as professoras consideravam importante contar de suas trajetórias de vida e profissão. Apesar de encaminharmos por *email* um roteiro de entrevista semi-estruturada para as professoras, já que algumas delas demonstravam grande dificuldade em “falar livremente”, no dia marcado para a entrevista este não era utilizado e as professoras geralmente falavam por cerca de uma hora e meia a duas horas. Percebi que o roteiro funcionava como uma base de apoio inicial, descartado tão-somente elas se viam imersas no relato de suas próprias histórias. Desse modo, a entrevista buscou trazer à tona aspectos biográficos das entrevistadas, sem a pretensão de apreender cronologicamente, ocorridos, eventos, entre outros. A intenção primeira era captar de que modo as entrevistadas sobre elas falavam e como construía seu discurso acerca da situação que relatava, levando em consideração também, minha presença enquanto pesquisadora, negra e também professora.

Segundo Arfuch (2010), a entrevista, “esta forma peculiar” de relato, tornou-se um lugar para onde também se direcionam os esforços do trabalho biográfico na atualidade, posto que converge para si “funções, tonalidades e valores” do gênero (ARFUCH, 2010, p. 151). É também Arfuch que nos auxilia na compreensão de que, longe de ensejar uma descrição do passado e do presente das entrevistadas, a intenção, com esta modalidade de registro é perceber

o momento autobiográfico na entrevista como processo especular de substituição/identificação, que fala tanto da incompletude do sujeito quanto, correlativamente, da impossibilidade de fechamento de toda a narrativa pessoal. A entrevista é mais solidária com essa lógica do que outros gêneros que aspiram a uma “coroação” do relato – da vida –, e o “fechamento” que ela propõe é sempre transitório, sua *suspensão* se aproxima do suspense, deixa sempre uma zona de

⁶ O Censo Decenal do **IBGE** utiliza cinco categorias de cor, a saber: amarela, branca, indígena, parda e preta.

⁷ Os nomes escolhidos para representar as professoras são nomes de mulheres negras já falecidas, que tiveram muita importância em campos de atuação diferenciados na sociedade brasileira. Para maiores informações sobre as mulheres citadas, consultar:



penumbra que o esgotamento da palavra, a tirania do tempo – na interação, na tela – ou do espaço – na escrita – transformarão em promessa de futuros encontros ou tematizações. (ARFUCH, 2010, ps. 163-164, grifo da autora).

Passemos então às falas das entrevistadas, principal substrato da pesquisa. Neusa Santos nos relata como se tornou professora de Educação Infantil:

(...) eu lembro que na época, a diretora perguntou se eu tinha o magistério (por que nem todo mundo tinha o magistério) e a professora que estava de licença, ela tinha o magistério, e ela só poderia colocar nessa sala quem tivesse o magistério. Ela precisava de alguém e me contratou, só depois é que eu fiz o concurso e passei em um dos primeiros lugares. Eu trabalhava como diarista em duas casas na época. O salário piorou quando eu entrei na Prefeitura, a gente ganhava muito pouco! Mas eu queria muito ser professora, foi para isso que eu tinha me formado! Ainda fiquei indo aos sábados na casa delas, eu alternava e ia quinzenalmente, porque elas foram muito legais comigo e me ajudaram nos três primeiros meses que eu trabalhei na Prefeitura e demorei pra receber, pagaram os óculos que eu precisei fazer, mas depois eu saí. (Neusa Santos)

Esta professora expressa a importância que tinha para ela poder atuar na área em que tinha se formado, contrariando uma afirmação de alguns estudos educacionais acerca da desvalorização do magistério de crianças pequenas. Apesar de não ter tido muitas opções de escolha quando do seu ingresso no ensino médio, visto que por sua condição social só poderia escolher um curso técnico que estivesse disponível nas escolas públicas de sua cidade de origem, ela afirma que “era muito estudiosa” e já ministrava aulas particulares desde o fim do Ensino Fundamental, tendo assim uma experiência com a área antes mesmo da entrada no magistério. Por ser a irmã mais velha dos cinco filhos de sua mãe, ensinava aos/às mesmos/as e também aos vizinhos, o que conferiu-lhe a impressão de que fazer magistério seria o caminho mais próximo de sua realidade. Quando perguntada que profissão teria seguido se não tivesse escolhido a carreira de magistério, Lélia responde:

Lavadeira. Com certeza. Minha mãe era lavadeira, minha avó tinha sido lavadeira. E o bairro onde eu morava, ficava do lado do rio, então essa era uma imagem que estava muito próxima de mim, não só pela minha mãe. Até hoje, no meu bairro, eu fui lá em 2008, muitas pessoas vivem disso, de lavar roupa.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A professora Beatriz Nascimento teve sua trajetória profissional marcada pelas falas preconceituosas de uma senhora que a havia acolhido em sua casa em São Paulo, quando seu pai e alguns/umas irmãos/ãs voltaram para a cidade natal no estado de Minas Gerais, após a morte da esposa e mãe. Beatriz relata que aceitou ficar morando em São Paulo, na casa desta vizinha, porque queria continuar estudando, e sabia que tal empreendimento seria difícil se voltasse com o pai, que pouca importância dava aos estudos e queria apenas que todos/as trabalhassem. Antes de tornar-se professora, havia tentado concluir um curso de cabeleireira e um outro de enfermagem – segundo palavras da professora, seu sonho “era ser pediatra, mas como Medicina era muito cara, vou fazer de atendente de enfermagem, e conforme for...” – mas a senhora sempre lembrava-lhe que seria impossível que pessoas brancas tivessem coragem de com ela “cortar o cabelo” ou “colher sangue”. Beatriz relata este episódio, em conversa com uma outra mulher para quem trabalhava como diarista e lhe propôs moradia à época de seu ingresso no curso de magistério:

Eu falei assim, “Ah, Antonia, não vou estudar mais não!” e ela disse “Porque?”. Eu respondi: “Dona Sara falou que professora preta é meio difícil, não vou estudar mais, ela falou que não pode ter professora preta”. Aí Antonia me disse: “Você já desistiu de dois sonhos, esse você não vai desistir!”.

Beatriz não desistiu, formou-se e entrou na rede municipal e estadual de ensino. Seguiu resistindo aos ataques racistas de pessoas conhecidas e muito próximas, além de algumas colegas de trabalho. Relacionando tais atitudes com os estudos sobre o candomblé e a resistência que demonstrou à repressão sofrida sistematicamente desde o período de escravização até o início do século vinte, o pesquisador Júlio Braga (1995) afirmou:

Na verdade, toda vez que interessou aos propósitos de suas reivindicações sociais, o negro soube, com extrema competência, aproveitar-se da situação social em que vivia. Conduziu seu projeto maior de ascensão social com habilidade, sabendo negociar, aproveitando das raras ocasiões favoráveis, para sedimentar bases sólidas que ainda servem de substrato às diferentes frentes de lutas e investidas políticas atuais (BRAGA, 1995, p. 19).

João José Reis (1989), em suas análises sobre as situações de negociação a que estavam constantemente vinculados/as as/os escravizadas/os com seus senhores, também nos alerta de que não é possível ler esta história tendo como linha condutora a ideia de que tudo não passou apenas de submissão do/a negro/a, vítima do sistema a ele/a imposto. Assim



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

também aqui não podemos compreender estas histórias de vida com base numa ideia primordial de que para todos os grupos sociais brasileiros adentrar a carreira do magistério constitui-se numa desvalorização profissional. Em São Paulo, entre 2001 e 2009, as mulheres negras que participam ativamente no mercado de trabalho representam 41,2% na categoria de Serviços (aí englobados as atividades vinculadas à educação), segundo o Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego/PED. A ocupação destes postos é bastante significativa para este grupo de mulheres, já que historicamente estas tem sido vinculadas às ocupações da categoria de Serviços Domésticos (30.8%), este sendo atualmente o segundo setor de atividade que mais as absorvem. Precisamos compreender estas mudanças e permanências sob a ótica das próprias mulheres negras, sem desconsiderar outros fatores relacionados, como o sexismo e a classe social a qual estão vinculadas. *Afirmar* estas vitórias, *denunciando* o racismo de gênero ainda presente nas práticas sociais é um caminho possível para não perdermos de vista as conquistas até aqui conseguidas, semeando o terreno das lutas que virão com os frutos arduamente colhidos por gerações anteriores à nossa. Aí também reside nossa força ancestral, nesta capacidade de existir, resistindo em condições adversas, forjando uma cultura específica para o enfrentamento dos preconceitos.

Com base nas análises das entrevistas, é possível afirmar que a oralidade constitui-se importante lugar de resistência para as mulheres negras que aqui falam. Entendendo resistência como um movimento estratégico para a continuação e a existência da população negra em terras brasileiras desde sua chegada até os dias atuais, reafirmamos a importância do registro destas histórias, para inscreverem-se ao lado de tantas outras que contribuem na compreensão das histórias das mulheres negras não com um lugar apenas de submissão e desfavorecimento, mas também de ressignificação dos espaços e sentidos atribuídos à elas e a seus modos de ser e estar no mundo. Constatações muito próximas à estas também chegaram outras pesquisadoras que estudaram sobre as professoras negras em outros níveis de ensino: Nilma Lino Gomes (1995) e Jacira dos Reis Silva (2000) em pesquisas acadêmicas também puderam perceber que o espaço escolar configura-se num lugar que escapa ao lugar social e historicamente atribuído às mulheres negras, representando também um esforço da população negra em superar processos discriminatórios, dentro e fora da escola. Este debate traz à tona outros modos de enxergamos a escola e as pessoas que nela habitam, fazendo-nos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

compreender a importância de uma educação que privilegie a pluralidade cultural e as diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARFUCH, Leonor. **O dilema biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRAGA, Júlio. **Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos Candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1995.

CATANI, et al. 1993. **Docência, Memória e Gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores**. São Paulo: Revista de Psicologia da USP, n. 4, 1993, p. 299-318.
FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil**. IN: Educação e Sociedade, ano XX, n.69, dezembro 1999, p.60-89.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetória Escolar de professoras negras e sua incidência na construção da identidade racial: um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, UFMG, 1994.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. **Educação e Identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro. Tese (Dissertação)**. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 1987.

GUIMARÃES, A. S. A. **Como trabalhar com raça em sociologia**. Educação e Pesquisa, São Paulo. v. 29, n.01, p. 93-108, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

hooks, bell. **Eros, erotismo e processo pedagógico**. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. LOURO, Guacira Lopes (Org.). Belo Horizonte, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. **As narrativas centradas sobre a formação durante a vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural**. In: Revista da FAEEBA, Salvador, v. 17, n. 29, p. 17-30.

KI-ZERBO, Joseph (Org.) **História geral da África, volume 1 – metodologia e pré-história na África**. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Obstáculos ideológicos à dinâmica da pesquisa em Educação**. Revista da FAEEBA, Salvador, n10, jul./dez.,1998. p. 151-165.

_____. **Do monopólio da fala sobre educação à poesia mítica africano-brasileira**. Revista da FAEEBA, Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.12, n. 19, jan./jun., 2003, p.61-80.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa Social: Introdução às suas técnicas**. São Paulo: Companhia Nacional, 1968.

OLIVEIRA, Arlete dos Santos. **Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, L. E.; PORCARO, R.M.; ARAÚJO COSTA, T. C.N. **O lugar do negro na força de trabalho**. IBGE. Rio de Janeiro, 1985.

OLIVEIRA, Waldete Tristão. **Trajetória de mulheres negras na educação de crianças pequenas no distrito de Jaraguá em São Paulo: processos diferenciados de formação e de introdução no mercado de trabalho**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo,

QUEIROZ, Delcele M. **‘... um dia eu vou abrir a porta da frente’: mulheres negras, educação e mercado de trabalho**. In: Educação e os afro-brasileiros: trajetórias, identidades e alternativas. Salvador: A Cor da Bahia/ FFCH/UFBA/ Ford Foundation, 1997, p. 47-84.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

SANTANA, Patrícia. **Professor@s Negr@s: Trajetórias e Travessias**. Belo Horizonte: Mazza, 2004.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Revista Educação e Realidade: Porto Alegre, v.20, n.2, 1995, p.71-99.

SILVA, Jacira dos Reis. **Mulheres Caladas: trajetórias escolares de professoras negras em Pelotas**. Tese (Doutorado). Porto Alegre, UFRGS, 2000.

SOUSA, C. P. ; CATANI, D. B. ; BUENO, B. O. ; SOUZA, M. C. C. C. . **Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 61-76, 1996.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SUDBURY, Julia. **Outros tipos de sonhos: organizações de mulheres negras e políticas de transformação.** Rio de Janeiro: Selo Negro, 2005.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.